

QUESTÕES RELATIVAS À SEXUALIDADE DOS ADOLESCENTES

ANA MARIA J. C. ALLEN GOMES *

1. INTRODUÇÃO

Importa referir, desde já, a relativa dificuldade em definir os conceitos de adolescente e de sexualidade. Esta dificuldade é agravada porquanto sabemos, através de estudos transculturais (M.Mead, 1979, por ex.), que não são conceitos unívocos.

Podemos entretanto avançar que o adolescente ⁽¹⁾ é o indivíduo que se encontra ou atravessa a fase da adolescência como um período crítico do desenvolvimento, com manifestações a nível da integração biológica, psicológica e social.

Muito sinteticamente pode dizer-se que, a nível biológico, o seu início é denunciado por uma aceleração geral do crescimento, com desenvolvimento das caracteres sexuais secundários, sendo o seu fim assinalado pela completa diferenciação sexual.

A nível psicológico, a adolescência é marcada por acentuado crescimento cognitivo e da personalidade, sendo o seu fim marcado pela disponibilidade para ser pai, ou mãe, e pela aquisição (ou disposição para adquirir) um posto de trabalho.

A nível social, é um período de preparação intensiva para assumir um papel de adulto, sendo o seu fim atingido quando o indivíduo adquire determinadas prerrogativas adultas (o que é extremamente variável de cultura para cultura).

Deve salientar-se que existe uma interacção entre estes três níveis, de modo a que qualquer modificação num deles, acelera ou impede o desenvolvimento dos restantes.

Sexualidade, de forma muito simplista, pode definir-se como "natureza ou características do(s) sexo(s) (Hornby, 1987).

Esta definição podia conduzir-nos a questionar a "natureza ou características do(s) sexo(s)" e, logo, levar-nos a analisar as determinantes bio-psico-socio-culturais da identidade sexual, relacionadas com os papéis psico-sexuais - o que não é nosso objectivo de momento ⁽²⁾.

Articulando a sexualidade com a adolescência (os adolescentes), concordamos com Katchadourian (1980) que afirma que "o desabrochar da sexualidade em cada geração de adolescentes é um fenómeno tão fascinante como a revelação da primavera em cada ano: predictivo e repetitivo, mas, no entanto, encantador".

Entretanto falar de sexualidade, e concretamente da sexualidade dos ado-

* Psicóloga. H.U.C. Coimbra

lescentes. continua a ser, todavia, considerado (para algumas/muitas pessoas) algo inconveniente. Isso acontece devido a múltiplos factores, dentre os quais se destacam tabus e preconceitos ligados fundamentalmente a aspectos socio-culturais. Segundo Cloutier (1982, p.168) "a regulação social da sexualidade é universal; não há nenhuma cultura conhecida que permita a expressão sexual sem restrições."

Essa regulação social, adquire tonalidades bem negativas na nossa cultura devido a vários factores dentre os quais se destacam:

O modelo reprodutivo do sexo, segundo o qual a actividade sexual tem como única finalidade a reprodução. Apesar de bastante contestado, concretamente a nível científico, este modelo, a nível de atitudes e comportamentos, continua a ter uma influência inegável e extensa.

O duplo padrão de moral sexual, que é repressivo para a smulheres e permissivo (embora exigente) para os homens. Assim, uma mulher honesta (porque tem que o ser e parecer) não "deve manifestar interesse pelo sexo, enquanto um "verdadeiro" homem deverá estar sempre pronto a demonstrar esse interesse sexual.

Em consequência do acima referido, é dada uma hipervalorização à função maternal da mulher e, por contraste, exagera-se a necessidade da realização profissional ("vencer na vida", "sustentar a família") do homem. Verifica-se, por outro lado, uma insistência nos aspectos mais desagradáveis da sexualidade, enfatizando sobretudo os perigos inerentes à expressão sexual, tais como: gravidez indesejada, aborto, doenças sexualmente transmissíveis (que adquiriram nos últimos grande dramatização com a sida), a prostituição, a pornografia, a promiscuidade, etc..

E finalmente há uma tendência generalizada para considerar que um determinado comportamento dito a-normal (critério estatístico?) é igualmente um comportamento imoral (critério religio-

so?) e, portanto, também é ilegal (quase sempre as leis legitimam os dois critérios anteriormente referidos).

Poder-se-iam apontar outros, mas estes serão, em suma, os principais aspectos que condicionam a visão que a maioria dos adultos e dos próprios adolescentes tem sobre o assunto.

Apesar disso, as mudanças ocorridas no nosso século, sobretudo nos últimos anos, conduziram à impossibilidade de manter posições rígidas face à sexualidade. dentre essas mudanças, temos que salientar:

- A possibilidade de controlo da fertilidade que permitiu separar a reprodução das outras funções da sexualidade (comunicação, prazer, afecto, etc.).
- Os movimentos sociais (estudantis, feministas, de certas minorias) que questionaram os valores tradicionalmente instituídos e conduziram a uma visão pluralista da realidade.
- A desmistificação da sexualidade através da influência dos mass-media, sobretudo da T.V., que "abusa" de imagens ligadas à sexualidade para vender praticamente tudo. Não de pode ignorar um assunto que, de forma implícita ou explícita, está constantemente presente na t.v., revistas, placards de publicidade, "graffiti" nas paredes.
- As modificações das condições de vida em geral, nomeadamente na família (com predominância da chamada família nuclear) e a entrada massiva da mulher no mundo do trabalho, que levam a relativas alterações nos papéis tradicionais estereotipados.
- As modificações sociais, económicas, políticas, ideológicas, etc., que levaram ao estabelecimento

da escolaridade obrigatória e ao aumento do número de anos da mesma, acarretaram também a formação de grupos de adolescentes com características próprias.

2 - PRINCIPAIS PROBLEMAS SEXUAIS DOS ADOLESCENTES

Na cultura ocidental, os adolescentes formam um grupo etário que só no presente século adquiriu determinado peso que o torna específico.

Há para isso um elevado número de razões (relacionadas com as mudanças a vários níveis anteriormente referidos), mas convém lembrar - já que falamos da sexualidade dos adolescentes - ainda um aspecto relevante: até ao início do nosso século, a adolescência era um período relativamente curto, que durava em média uns dois anos. No caso concreto das raparigas, a menarca ocorria pelos 16-17 anos em média e o casamento geralmente tinha lugar um ou dois anos depois.

Com os rapazes ocorria um processo algo similar, "Mutatis mutandis".

Entretanto, devido às variadíssimas e já referidas mudanças de ordem económica, histórica, tecnológica, científica, socio-cultural, as condições de vida alteraram-se profundamente. Pode dizer-se que essas alterações tiveram aspectos negativos e positivos, mas destes últimos importa realçar as melhorias sobretudo a nível higiénico-sanitário e da alimentação, que implicaram que a menarca aconteça actualmente pelos 11 - 12 anos em média.

Este facto acarreta inevitáveis alterações a nível, quer individual, quer social.

Assim, se no século passado era relativa ou aparentemente fácil de controlar a sexualidade dos adolescentes, devido ao curto período existente entre a menarca e o casamento, o mesmo não se verifica nos dias de hoje.

Pelo contrário, actualmente o casamento (ou mesmo uma "ligação de facto", como se diz em termos jurídicos) tende a acontecer, no mínimo e em média, dez anos após a ocorrência da menarca (que traduz afinal, de algum modo, a capacidade reprodutiva).

A constatação desta evidência leva à necessidade de reavaliar determinadas ideias feitas. Até porque (como já foi referido na introdução) qualquer mudança a um determinado nível interfere, interage, modifica os restantes níveis do funcionamento pessoal e não só: implica afinal com aspectos de ordem ética, social, política, ideológica, pedagógica, cultural, etc.

Iremos seguidamente concretizar algumas questões relativas à problemática sexual dos adolescentes. Não queremos, no entanto, deixar de referir - apesar de ser uma verdade muito fácil de constatar - que as dificuldades sexuais, quando existem, estão muito longe de ser a única área problemática que aflige este grupo etário.

2.1. Imagem Corporal

Uma das consequências geralmente mais evidentes da entrada na adolescência são as modificações físicas que, sobretudo, se reflectem na imagem corporal e que, por sua vez, se relacionam intimamente com o auto-conceito e com a auto-estima.

O crescimento físico nem sempre se faz de forma harmoniosa e acarreta sempre várias modificações corporais que os adolescentes vivenciam de forma mais ou menos dramática.

Por outro lado, a divulgação de modelos seleccionados transmitida pelos mass-media, sobretudo pela T.V. (que apresentam homens "super-músculos e dinâmicos" e mulheres "super-elegantes e longilíneas"), facilmente abalam a auto-estima de uma pessoa vulgar e talvez mais ainda os adolescentes, devi-

do às rápidas transformações por que estão a passar.

Muitos dos receios e angústias dos adolescentes relacionam-se com o medo de não ser suficientemente atraentes para agradar aos outros (quer ao outro individual quer ao "peer-group2").

Nas raparigas, devido à influência de determinado modelo de beleza (acima mencionado) as preocupações com a gordura podem vir a desembocar mesmo em casos graves de anorexia ou bulimia, ambos de consequências nefastas.

No caso dos rapazes, as preocupações concentram-se sobretudo no pénis (socialmente considerado como símbolo da virilidade), senso muito conhecido o chamado "síndrome do pénis pequeno" e que igualmente pode ter consequências negativas.

2.2. Conflitos relativos à escolha sexual

A escolha sexual é muitas vezes fonte de conflito entre pais e filhos.

Uma ideia divulgada (mas nem por isso correcta) é que os filhos são propriedade dos pais, cabendo, por isso, a estes o controlo do comportamento sexual daqueles.

É bem sabido (também) que os pais (honestamente, presume-se) pretendem evitar aos filhos, e a si próprios, as consequências negativas da expressão sexual, particularmente no caso das raparigas.

Entretanto tem-se constatado através de vários estudos de campo (Kinsey, 1972, Miguel, 1987) que nos jovens a actividade sexual (coito) pré-marital aumentou nos últimos 40 anos, mas a taxa de promiscuidade permaneceu idêntica à da 1ª metade deste século.

Estudos transculturais (Mead, 1979) mostram que a liberdade sexual existente em sociedades mais permissivas não conduz à dissolução da família

nem ao disfuncionamento social. Resta-nos recordar, com Ira Reiss (1976) que "o critério-chave da sexualidade humana é ainda a afectividade".

2.3. Ligações precipitadas

É frequente encontrar adolescentes, sobretudo raparigas, que são levadas a ter relações sexuais por pressão quer do rapaz com quem andam (agora não se usa dizer "namorar"), quer do grupo, para serem como as outras (ou como as outras dizem que são!).

Quando uma rapariga tem relações sexuais pelos motivos acima referidos, muitas vezes desenvolve sentimentos ambíguos e mesmo vergonha e culpa relativamente ao assunto. Em determinados contextos culturais, esses sentimentos negativos fazem-se sentir ainda com mais veemência. Isso leva a rapariga a resolver, rapidamente, casar-se para se livrar de tudo isso, legitimando a situação.

Por outras palavras: um adolescente (sobretudo se é do sexo feminino) pode efectuar um casamento precipitado por várias razões. Por exemplo: por sentir culpa, para fugir a um mau ambiente familiar, para legitimar uma gravidez não planificada. Ora estes motivos nada tem a ver com uma decisão pensada e amadurecida.

Por outro lado, convém referir que todos os adolescentes têm geralmente uma saudável tendência para desafiar o poder paternal, até porque estão num processo de conquista de autonomia. Ora esse desafio pode igualmente levar a ligações precipitadas...

E chamamos-lhe precipitadas porque, com frequência, passados que são 2 a 5 anos em média, muitas destas ligações acabam em separação. Não queremos pronunciar-nos sobre as consequências negativas para ambos os intervenientes, mas pensamos que certamente isso irá ter reflexos indesejáveis para as crianças que entretanto tenham

nascido. Por isso, um apoio atento e lúcido da parte dos adultos pode ser mais adequado do que uma atitude de ingerência que vingue os sentimentos negativos do adolescente, contribuindo para ele tomar uma decisão irreflectida.

2.4. Gravidez ilegítima, aborto, D.S.T., etc.

Estes são alguns dos problemas que podem vir a verificar-se em consequência de uma prática sexual com base na ignorância e na irresponsabilidade dos jovens. Mas não se trata, na nossa opinião, de considerar que os jovens são os únicos (ou sequer os principais) responsáveis por tais factos. Todos os adultos, sobretudo os que estão em contacto com jovens, devem procurar encontrar disponibilidade mental e conhecimentos para informar correctamente as gerações mais novas. É que, também neste domínio, se verifica que "a política da avestruz não resulta".

Os adolescentes devem ter acesso à informação para que possam fazer escolhas conscientes e responsáveis.

Já diz Philip Meredith (1988) que o "objectivo do aconselhamento sexual é educar para uma escolha responsável sobre a contracepção e o retardar do começo da vida sexual". De facto a ignorância e os preconceitos são realmente os piores conselheiros nesta matéria. Passe o exagero, mas seria algo como se se colocasse uma pessoa a dirigir uma nave espacial sem lhe ter ensinado nada (ou quase nada) sobre o assunto.

É evidente que o corpo do adolescente não é propriamente uma nave espacial, mas também está longe de ser, para ele próprio, bem conhecido: é um corpo que sofreu de repente várias transformações, que tem reacções sexuais diferentes e mesmo inesperadas. É relativamente demorado, e às vezes difícil, digerir essas mudanças devido à rapidez com que ocorrem.

Por outro lado, se os adultos se esquivam a dar informação sexual aos jovens, eles irão procurá-la junto dos colegas ou amigos - que em geral estão igualmente mal informados.

Entretanto, é curioso notar que o impacto social da SIDA (sem negar os aspectos dramáticos que envolve) veio permitir que uma série de pessoas aceitasse de bom grado a divulgação da informação sexual - e concretamente do preservativo que, durante séculos, tão más conotações provocou.

2.5. Masturbação

A masturbação é um assunto que embaraça e preocupa muitos jovens e adultos.

Contrariamente ao que se possa pensar, a masturbação é uma etapa normal e útil ao desenvolvimento psico-sexual. Além de permitir esbater a tensão sexual, vai também possibilitar que o/a adolescente, a nível da fantasia, imagine o outro e a sua futura interacção com ele/a.

A masturbação é a saída possível numa época da vida em que, por um lado se faz sentir vivamente a intensidade dos impulsos sexuais e, por outro, é ainda impossível, ou indesejável, ter um(a) companheiro/a.

Muitas pessoas encaram a masturbação numa forma extremamente negativa e, no passado, até os médicos a responsabilizaram por inúmeras doenças. A razão disso é elementar: sendo dominante o modelo reprodutivo do sexo, é claro que a masturbação é condenável. Todavia, é evidente que se a masturbação causasse os males que lhe foram (e são) atribuídos, seriam poucas as pessoas que escapavam "sãs e salvas".

Mais recentemente há quem prefira defender uma posição mais flexível, dizendo que a masturbação não faz mal, se não for excessiva. Fica por esclarecer

o que é que cada um avalia como "excessivo".

Finalmente queremos referir que muitos adultos (sobretudo os pais) consideram, apesar de tudo, que a masturbação do rapaz é mais "desculpável" do que a da rapariga. Não conseguimos deixar de considerar que esta posição decorre do duplo padrão de moral sexual que já mencionámos.

Por outro lado, *last but not least*, não podemos deixar de frisar que não é obrigatório um rapaz ou uma rapariga, para serem normais, terem que sentir necessidade de se masturbar.

2.6. Homossexualidade

A homossexualidade é algo bastante temido quer pelos jovens quer pelos adultos, sobretudo desempenhando o papel de pais ou professores.

A homossexualidade pode definir-se como a atracção exclusiva ou preferencial entre duas pessoas do mesmo sexo.

É evidente que não cabe no âmbito deste trabalho tratar deste assunto com profundidade.

Nos últimos anos tem-se verificado uma evolução no sentido de maior tolerância relativamente à homossexualidade. Isso não impede que, sobretudo os rapazes, se sintam culpabilizados com tais contactos. Por outro lado, nas escolas, quando são descobertas tais actividades, há um demasiado empolamento da situação.

Há várias razões que levam à condenação social da homossexualidade, mas destacam-se basicamente duas, a saber:

- o facto de ser um comportamento minoritário em termos estatísticos;
- o facto de não conduzir à reprodução, a qual é sempre muito valorizada, como já foi referido.

Ao longo da história da humanidade pode ser constatada a existência de numerosos homossexuais. Todavia, as atitudes face à homossexualidade, são muito variáveis de cultura para cultura, como mostram os estudos transculturais (M. Mead, 1979).

No estado actual da ciência não está determinada a origem da homossexualidade, embora se possa considerar que há influência da conjugação de factores biológicos e ambientais.

A homossexualidade pode ser encarada como:

- uma fase (embora não obrigatória) do desenvolvimento, que não implica uma fixação no comportamento homossexual. Ou seja: o facto de ter (ou ter tido) contactos homossexuais esporádicos, não significa ser exactamente homossexual.
- um comportamento traduzido num (maior, menor ou exclusivo grau de) envolvimento sexual de uma pessoa com outra do mesmo sexo.

Por vezes, na adolescência, os jovens podem ter esporadicamente relações homossexuais - o que não implica que eles venham a ser homossexuais no futuro. Esse comportamento acontece, por exemplo, devido à intensidade do desejo sexual e à vontade de viver isso com alguém, ou ainda porque há maior inibição frente ao sexo oposto, sendo mais fáceis e frequentes as amizades entre adolescentes do mesmo sexo, etc.

O importante é que os pais e educadores, perante tal comportamento não tenham uma reacção demasiado drástica, que leve o adolescente à marginalização ou ao isolamento, os quais poderão, eventualmente, em certos casos, conduzir à fixação.

Para finalizar, queremos salientar que, na nossa opinião, as pessoas que são homossexuais:

- devem ser sexualmente responsáveis, tal qual como as heterossexuais;
- têm direito a ser respeitados, como seres humanos que são;
- têm direito a viver a sua sexualidade;
- não são diferentes das pessoas heterossexuais no que concerne a qualidades humanas, intelectuais, etc.

3. ALGUMAS CONCLUSÕES E QUESTÕES EM ABERTO

Tentámos passar em revista, de forma sucinta e no essencial, as principais questões que subjazem à problemática sexual do/a adolescente - sem ter, evidentemente, a pretensão de esgotar tal assunto.

Convém lembrar, no entanto, que o comportamento sexual não pode ser considerado isoladamente de um conjunto mais amplo de tarefas psicossociais que se espera que o adolescente vá assumindo.

Como sabemos, a progressiva autonomia e independência dos jovens contribui, segundo Erikson, para a sua identidade pessoal.

O adolescente deve, portanto, ir desenvolvendo aptidões sociais, competências intelectuais, responsabilidade pessoal e social, sendo evidente a interacção recíproca destes factores entre si e com a sexualidade.

Devido à constatação das consequências concretas, tantas vezes sentidas como negativas, da expressão sexual dos adolescentes, parece pertinente a necessidade de fornecer informação ou aconselhamento sexual dos jovens.

Actualmente a maioria dos autores concorda que desde o nascimento se faz educação sexual, de forma

implícita ou explícita. Assim sendo, convém que pais, professores e adultos em geral, reflitam sobre o assunto, para um melhor encaminhamento dos seus educandos.

Essa reflexão é imperiosa, já que não existem receitas nem soluções acabadas que se apliquem a todos os casos.

Para exemplificar, apresentamos (duma forma resumida) algumas conclusões do estudo I.E.D. (1987) que apontam para a não existência de um padrão único do comportamento afectivo-sexual dos jovens do nosso país.

Assim, basicamente, há uma coexistência de atitudes e comportamentos que se podem agrupar em três padrões "típicos" que não esgotam a variedade existente e que passo a citar ⁽⁴⁾.

"Um grupo que se pode considerar do tipo tradicional. Isto é, basicamente incentiva no rapaz e reprime na rapariga a expressão prática da sexualidade.

Outro grupo que considera sem compromisso os contactos entre "namorados", cuja tradução, à falta de melhor termo, se pode iniciar por "curtir".

Finalmente, um grupo em que se valorizam, quer no rapaz quer na rapariga, os aspectos afectivos coexistindo com a prática sexual".

A concluir, queremos frisar, devido às implicações pedagógicas que acarretam, alguns aspectos:

- Os jovens não se exprimem sexualmente todos de igual forma, pelo que não são de evitar as generalizações apressadas: é tão incorrecto considerá-los inactivos, como considerá-los o grupo etário mais activo.
- Há diferentes faixas etárias dentro daquilo que, na nossa cultura, se considera a adolescência. Assim, por exemplo, geralmente o comportamento (sexual e não só) dos adolescentes de 17-18 anos está mais próximo do dos jovens de 20-21 do que dos 12-13 e estes, por

sua vez, aproximam-se mais de 10-11 anos.

- Para analisar e compreender as atitudes e comportamentos afectivo-sexuais dos adolescentes é fundamental inseri-los dentro do contexto específico em que estes se situam.

Estamos conscientes das limitações deste trabalho, devido, sobretudo, à vastidão do tema, bem como às questões que levanta e que permanecerão, necessariamente, em aberto.

E por falar de questões em aberto: é geralmente reconhecida "a influência dos pais, professores, meios audiovisuais e "especialistas" (médicos e psicólogos, por ex.) no que respeita ao aconselhamento sexual dos adolescentes". Refiro-me aos especialistas utilizando aspas porque é pertinente perguntar em que século é que, no nosso país, será incluída formação em sexualidade humana no curriculum básico de todas as licenciaturas de medicina e/ou psicologia.

Para finalizar com uma nota menos pessimista citamos Kolodny, Masters e Johnson (1979) que referem: "apesar de ser um trajecto erigido de dificuldades e com alguns obstáculos de difícil ultrapassagem, a maioria dos adolescentes supera-os com êxito, atingindo a idade adulta intactos e, muitas vezes, sem cicatrizes."

BIBLIOGRAFIA

- CLAES, M. (1985), *Os problemas da adolescência*, Lisboa, Ed.verbo.
- CLOUTIER, R. (1982), *Psychologie de l'adolescence*, Montréal, Gaetan Morin éditeur.
- DELAMONT, S. (1985), *Os papéis sexuais e a Escola*, Lisboa, Livros Horizonte.

HANRY, P. (1978), *As crianças, o sexo e nós*, Lisboa, Ed. Notícias.

HAS, A. (1979), *Teenage Sexuality*, N.Y. Macmillan publishing Co. Inc..

HOMBY (1987), *Oxford Advanced Learner's Dictionary*, Oxford, Oxford University Press.

KATCHADOURIAN (1980), *Adolescent Sexuality*.

KOLODNY, MASTERS E JOHNSON (1979), *Textbook of Sexual Medicine*, Boston, Little Brown and Company.

KINSEY, A. et al. (1972), *O comportamento sexual do homem*, Lisboa, Meridiano.

LOPEZ SANCHEZ, F. (1985), *Principios Básicos de la Educación Sexual*, Salamanca, Instituto de Ciências de la Educación.

MEAD, M. (1979), *Sexo e Temperamento*, São Paulo, Ed.Perspectiva.

MERIDITH, PH. (1988), "Sexualidade na Adolescência", in *Boletim de Planeamento Familiar*, n.º 39.

MIGUEL, N. e GOMES, A. (1989), *Só para jovens*, Lisboa, Texto Editora.

MIGUEL, N. e VILAR, D. (1987), *Afectividade e sexualidade no novo contexto social e cultural*, Lisboa, Ed.Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.

MONEY, J. e TUCKER, P. (1981), *Os papéis sexuais*, São Paulo, Ed. Brasiliense.

REISS, I. (1976), *Adolescent Sexuality in Sexd and Life Cycle*, edited by Oaks, Melchiode & Ficher, N.y., Grune e Stratton.

SULLEROT, E. (1979), *A evolução do papel dos homens e das mulheres na europa*, Lisboa, Comissão da Condição Feminina.

TAVRIS, C. e OFFIR, C. (1977), *The longest war*, n.y., Harcourt Brace jovanovich Inc.

TOMKIEWICZ, S. (1980), *Adaptar, marginalizar ou deixar crescer?*, Lisboa, Ed. A regra do jogo.

V.A. (1987), *A sexologia em Portugal*, Vol.1, *A sexologia Clínica*, Lisboa, Texto editora.